

Habitantes da fronteira: os portugueses e o mundo

*Silvio Renato Jorge**

Desde minhas primeiras leituras da ficção portuguesa produzida nos anos setenta e oitenta do século passado, surpreendia-me a presença de um mar *em excesso*, uma certa saturação do sal a corroer a leitura que tradicionalmente se fez da aventura atlântica portuguesa e a indiciar a necessidade de revisão dos parâmetros que, até aquele momento, pareciam nortear o modo de compreensão da pátria. Textos como a *Trilogia lusitana*, de Almeida Faria; o *Levantado do chão*, de José Saramago, e *O cais das merendas*, de Lídia Jorge, - ou, pelo menos, a leitura que deles fiz - apontavam criticamente para as fissuras em uma ideologia que, apoiada sistematicamente em princípios da oligarquia rural, utilizava a face utópica das navegações como seu mais amado espelho e o discurso camoniano - retalhado para evidenciar apenas uma de suas significações - como sua mais vibrante voz. Por outro lado, indicavam de forma muito nítida a busca por novos parâmetros de identificação: perdidas as colônias, findos longos anos do regime ditatorial que insistiu em corroborar os traços imperialistas mais entranhados na construção do modo como o português se revia em seu espelho, coube a essa produção literária empreender a problematização do processo da volta para casa, para aquilo a que Eduardo Lourenço se referiu, de forma tão própria, como o “nosso exíguo quintal”.

Durante largos anos, a imagem do império constituiu um paradigma essencial para o auto-reconhecimento de Portugal diante das demais nações. É mais uma vez Lourenço quem assinala o caráter significativo que o épico camoniano assumiu na construção dessa imagem, em grande parte por conta do processo de leitura a que foi submetido, processo no qual se estabelecia a supressão das possíveis camadas contra-ideológicas do texto para se evidenciar a afirmação gloriosa da fé e do império. Nesse sentido, é possível perceber que o imaginário lusitano, muitas vezes, atribuiu a si o papel de “desvelador do

* Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Fluminense. Pesquisador do CNPq.

mundo”, de “povo colonizador por excelência”,¹ concentrando em um período de pouco mais de cinquenta anos as formas responsáveis por delimitar a sua identidade. Não é difícil compreender, portanto, o quanto a imagem do Império que norteou tal construção assentou-se, sobretudo, na idealização de uma *viagem* iniciática, *viagem* esta que, apesar de seus marcos históricos, foi lida sobretudo na clave da ficção, ou melhor dizendo, na clave idealizadora do que Hobsbawm e Ranger chamaram de “invenção da tradição”.² Nesse sentido, parece-me esclarecedora a leitura de dois textos-chaves da literatura produzida no século dezenove português, que são *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, e o poema “O sentimento dum ocidental”, de Cesário Verde. Para além da inquestionável qualidade literária e de todo processo crítico que estabeleceram na reflexão acerca do Portugal de seu tempo, tais textos, contudo, não conseguiram escapar de um diálogo com a cultura em que a referência a *Os Lusíadas* mantém a tradição em um espaço do ideal, referenciando-a. É perceptível, a partir da leitura atenta dessas obras, que Garrett e Cesário, em momentos diferentes, buscaram uma alternativa para a escrita modelar camoniana: em termos ideológicos, confrontando seu tempo com o passado do ilustre antecessor, apontando as diferenças e realçando o declínio do Império; em termos estéticos, pela negação do cânone, pela busca da escrita impura, corruptora, dessacralizada. Não escaparam, porém, ao elogio da grandeza do Império construído e ao modelo do português ideal - heróico, desbravador - institucionalizado pela tradição nacional. Mesmo ao reconhecerem a estreiteza de seus contemporâneos, acreditavam ser possível a restauração de um passado de glórias, coerentemente modelado pela experiência anterior. Em alguns dos versos finais de “O sentimento dum ocidental”, o poeta nos apresenta a possibilidade de, mirando-se no passado, recuperar um modelo de identidade elaborado pela narrativa mestra:

Ah! Como a raça ruiva do porvir,
E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,
Nós vamos explorar todos os continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!³

Não estou, com isto, negando o caráter crítico e profundamente moderno da escrita de Cesário, mas buscando assinalar a presença de um imaginário imperialista que se escamoteia por trás de boa parte do que foi produzido em Portugal até

¹ LOURENÇO, 1988(a): 60.

² HOBBSAWN & RANGER, 1983.

³ VERDE, 1983: 96.

parcela significativa do século XX, mesmo no que se refere à parte mais rica dessa produção. Ao viajar por sua Lisboa finessesecular, deparando-se com os traços cada vez mais evidentes da decadência propiciada pela conjunção nefasta de uma política econômica pífia com uma política cultural assombrada pela presença secular da Inquisição, Cesário compõe um poema capaz de extrapolar seu alcance mais objetivo para dar conta ainda de angústias próprias do homem que se vê emparedado diante de uma realidade angustiosa e decepcionante. Acho importante realçar, contudo, que, para ele, o modelo a se contrapor aos homens que observa é, ainda que recoberto por virtudes burguesas das “habitações translúcidas e frágeis”, o do português navegador, viajante utópico a descobrir novos espaços e a “explorar todos os continentes”. Caberá a Fernando Pessoa, anos mais tarde, o reconhecimento efetivo de que o Império está findo. Em sua *Mensagem* não há mais espaço concreto para qualquer reconstrução do sonho Imperial, transferindo-se tal possibilidade da experiência física para o espaço do simbólico e remetendo o destino da nação para uma espécie de *epopéia da alma*.⁴

Recuperar este percurso tem para mim um sentido muito específico, que é justamente assinalar a figuração da *viagem* como elemento significativo na construção de uma certa imagem centralizadora do homem português, que investe na unicidade e desconsidera, em inúmeros momentos, o caráter altamente flutuante dos processos de construção identitária, como já nos informou Boaventura de Sousa Santos. Por outro lado, creio ser importante, ainda, tecer mais alguns comentários que buscam ampliar e ao mesmo tempo relativizar essas afirmações. Em primeiro lugar, é bom destacar que a referência a esses textos, se não é aleatória - e efetivamente não é -, com certeza será parcelar, visto que poderia ser ampliada para a discussão de outros exemplos, como *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós. Além disso, é importante lembrar o caráter múltiplo de toda grande obra de arte e que, se nessa leitura enfatizo a presença dos “fantasmas do imperialismo” assombrando tanto o texto de Garrett quanto o de Cesário, não descarto o sentido extremamente enriquecedor que esses textos trazem para a discussão. A viagem para dentro do país empreendida pelo escritor romântico em busca de suas raízes se, por um lado, elege a voz camoniana como a de um interlocutor privilegiado, por outro tenta ir além disso, substituindo o mar pela terra e enfatizando, já naquele momento, a necessidade de redescobrir o velho quintal.⁵ A pátria aí é profundamente

⁴ LOURENÇO, 1988(b): 115.

⁵ Mesmo em relação a’ *Os Lusíadas*, já havíamos indicado em linhas anteriores o seu caráter plural e o quanto o trabalho ideológico de transformá-lo em matriz da lusitanidade operou por escamotear aspectos diversos de seu discurso, como bem podemos ler em muito do que Jorge de Sena e Cleonice Berardinelli já escreveram sobre o assunto.

problematizada e apenas uma leitura redutora poderia desconsiderar isso. Por fim, é de fundamental importância esmaecer a aparência de organização cronológica que essa exposição possa vir a suscitar, lembrando que, se é claro que a desestabilização dessa imagem se mostra mais legível a partir dos autores aqui apresentados, para agudizar-se principalmente após a segunda metade do século vinte, estaria incorrendo em novo erro se não considerasse a existência de textos anteriores a retratar de modo dessacralizador a empresa expansionista, enfatizando o caráter disfórico das viagens ou desmascarando, de forma bastante insistente, o arcabouço ideológico que busca unir cristianismo - diríamos mesmo: messianismo - e imperialismo. Refiro-me, por exemplo, às *Histórias trágico-marítimas* ou à *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

Pensar a viagem no universo da Literatura Portuguesa é perceber, portanto, um enclave, um “nó-de-água”, nas palavras de Maria Gabriela Llansol, marcado muitas vezes pela dificuldade de diálogo com o outro e pela recorrência ao épico modelar e centralizador. Diante disto, a idéia de dialogar com a questão da diáspora é uma forma de enxugar o tema de seus excessos, recuperando muito daquilo que ele pode representar como processo de abertura ao encontro com o diverso e, ao mesmo tempo, de afirmação das ambigüidades que compõem a existência individual e (re)constituição constante da identidade. Nesse sentido, creio ser importante destacar a obra de Olga Gonçalves, de sua percepção crítica acerca da experiência da emigração, das transformações sociais, efetivas ou não, ocorridas com o fim do regime salazarista em Portugal e das novas relações do homem português com aquilo que fora o Império definitivamente perdido, como um instrumento significativo para ampliar perspectivas quanto ao caminho já traçado. Importante, para isto, a atenção que seu texto dá à análise dos problemas que envolvem o emigrante e o retornador, visto que elabora um painel multifacetado de suas personagens. Ao ultrapassar o mero mosaico das mazelas sofridas pelos que se colocam na situação de estrangeiro, realça o quanto pode haver de pessoal nessa opção, demonstrando a existência de um espaço de exílio interior ao homem - talvez partilhado por muitos que sequer já saíram de seus países -, semelhante àquele que poderíamos ler, por exemplo, em Camus. Nas palavras de Stuart Hall:

Esta é a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual - parece cada vez mais- não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos - após a Queda, digamos - o

que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* - literalmente, “não estamos em casa”.⁶

Se no texto de Olga Gonçalves essa sensação de deslocamento se faz presente, e não apenas em suas personagens, é importante frisar o quanto é possível perceber tal processo através de uma escrita que investe no fragmentário, no lacunar, acentuando a problematização da língua como elemento fundamental para propor a encenação do homem deslocado e o esfacelamento da ideologia imperialista. Se para voz altissonante do discurso salazarista a língua portuguesa funciona como pilar significativo de uma visão de mundo centralizadora - o Império que se imagina através do texto ficcional camoniano, centrando suas virtudes na união lingüística -, em vários romances de Olga Gonçalves a interação desta língua com o francês, com o alemão ou com o quimbundo servirá como um elemento a mais a desarticular tal ideologia, corroborando, ainda, a imagem do homem dividido, impossibilitado de rever em um espelho único a sua própria face. Ou seja: em seus textos, encontramos um embate muito sensível contra as possibilidades de fechamento articuladas pelo modo tradicional de compreender a *viagem* no paradigma cultural português, paradigma este que poderia ser muito bem descrito pelas palavras de Stuart Hall, mais uma vez aqui convocadas:

Trata-se, é claro, de uma concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É, claro, um mito.⁷

Parece-me que o texto ficcional de Olga Gonçalves opta justamente por romper com esse núcleo imutável e atemporal que liga passado, presente e futuro em linha ininterrupta, desarticulando a idéia da casa portuguesa como local de eterno retorno e da língua como um espaço confortável de existência, porque representação constante da origem e da autenticidade. Na verdade, é possível perceber que, tanto para o emigrante quanto para o exilado, a língua é um espaço de embate, de confronto, em que se manifesta com freqüência a dualidade de sua

⁶ HALL, 2003: 27.

⁷ *Idem*: 29.

existência. Edward Said, em “Entre mundos”, ao comentar seu próprio viver entre fronteiras, acusa o quanto nele se manifesta, ao pensar e escrever, uma espécie de consciência contrapontística, que o leva a lidar com metades díspares de sua consciência.⁸ Ao recuperar da música a noção de contraponto, e conseqüentemente a idéia de superposição de trilhas melódicas, de concordância harmoniosa de vozes ou instrumentos,⁹ o pensador palestino não se refere apenas ao modo como se dá a convivência entre suas duas línguas - o árabe e o inglês - , mas, principalmente, à necessidade que sente de colocar em diálogo - nem sempre tranqüilo - as duas culturas com as quais convive, seus princípios e valores. É essa consciência de dimensões simultâneas que buscamos surpreender no tratamento dado por Olga Gonçalves à relação que muitas de suas personagens estabelecem com a língua. Procuramos ver também o quanto tal consciência pode estar presente na caracterização de tais personagens como figuras deslocadas, ex-cêntricas, que manifestam a sua diferença como uma espécie de orfandade, de solidão inerente, ao mesmo tempo em que exploram o olhar piedoso do sentimentalismo. Assim, imersas em contradições próprias de quem efetivamente descortina no conviver com o outro a chave para investigar a si mesmo, essas personagens realizam viagens que, nas suas múltiplas faces, repelem o caráter centralizador do paradigma imperialista, para, através da exposição da dor e da manifestação de uma identidade que se afirma plural e em constante reconstrução, delimitar novas possibilidades de encontro com o diverso.

Este embate, tão presente na figura do emigrante, manifesta-se também naquele que vivencia o exílio e retira da impossibilidade da volta os instrumentos que o auxiliarão a mapear os territórios de sua experiência. Por isso, ao pensar o exílio como parcela fundamental da viagem portuguesa, é importante apontar em Jorge de Sena um autor capaz de iluminar várias perspectivas acerca dessa condição. Estrangeiro constante, por sua própria opção, não seria demais afirmar que, em Sena, o exílio é uma condição em si, autônoma, que extrapola o sentido político, ainda que também o considere. Através de seus versos, percebemos a manifestação de um estado de ser descontínuo, em que o amargor reitera uma necessidade acintosa de isolamento. O mesmo Edward Said, ao problematizar a condição do exílio em “Reflexões sobre o exílio”, informa:

Obstinação, exagero, tintas carregadas são características de um exilado, métodos para obrigar o mundo aceitar sua visão - que ele torna mais inaceitável porque, na verdade, não está disposto

⁸ SAID, 2003: 309.

⁹ KOOGAN/HOUAISS, 1994: 224.

a vê-la aceita. É a visão dele, afinal de contas. Compostura e serenidade são as últimas coisas associadas á obra dos exilados. Os artistas no exílio são decididamente desagradáveis, e a teimosia se insinua até mesmo em suas obras mais elevadas.¹⁰

A figura pública de Jorge de Sena nunca se esforçou muito para negar tais palavras. É sua poesia, de profunda reflexão sobre a condição humana, sobre a existência desagregada de todo aquele que reconhece o exílio como parte inerente a si mesmo, também não. Contudo, em sua ironia, em seu mal disfarçado amargor, residem versos capazes de revelar muito das contradições inerentes a uma existência que se constrói na fronteira de países e línguas. Por isso, e mesmo considerando a presença canônica de Sena no corpus da poesia portuguesa do século vinte, não seria demais enfatizar tais aspectos nos versos de, por exemplo, “Em Creta com o Minotauro” ou “Noções de lingüística”. Deste último poema - presente em *Exorcismos*, livro de 1972 que faz parte do grupo reunido em *Poesia III* -, retomo o valor que a discussão acerca da problemática do uso de uma língua nacional assume para esses indivíduos, principalmente no que se refere à necessidade de desconstruir o seu uso ideológico como sinônimo de identidade:

[...]
 Venham falar-me dos mistérios da poesia,
 Das tradições de uma linguagem, de uma raça,
 Daquilo que se não diz com menos que a experiência
 De um povo e de uma língua. Bestas.
 As línguas, que duram séculos e mesmo sobrevivem
 Esquecidas noutras, morrem todos os dias
 Na gaguez daqueles que as herdaram:
 E são tão imortais que meia dúzia de anos
 As suprime da boca dissolvida
 Ao peso de outra raça, outra cultura.
 Tão metafísicas, tão intraduzíveis,
 Que se derretem assim, não nos altos céus,
 Mas na caca quotidiana de outras.¹¹

Aguda reflexão acerca do valor cultural da língua, seus versos insinuam - reitero: com o amargor e a ironia que lhes são peculiares - a falência do modelo

¹⁰ SAID, 2003: 55.

¹¹ SENA, 1989: 145.

imperialista de conceber a relação entre língua e cultura, esvaziando-a de seus signos mais pomposos. Por isso, se ocuparão também em reconstruir a imagem camoniana, despindo-a de seus excessos. O Camões que lemos em Sena deixa de ser símbolo do Império para transformar-se em imagem capaz de amplificar o sentido da expatriação; verdadeiro alter-ego do poeta contemporâneo, deverá ser compreendido como aquele “que deixara a vida / pelo mundo em pedaços repartida”,¹² símbolo de um vazio incapaz de completar-se e que vê na escrita o único caminho possível. Em “Camões na Ilha de Moçambique” lemos:

[...]
 Não é de bronze, louros na cabeça,
 Nem no escrever parnasos, que te vejo aqui.
 Mas num recanto em cócoras marinhas,
 Soltando às ninfas que lambiam rochas
 O quanto a fome e a glória da epopéia
 Em ti se digeriam. Pendendo para as pedras
 Teu membro se lembrava e estremecia
 De recordar na brisa as croias mais as damas,
 E versos de soneto perpassavam
 Junto de um cheiro a merda lá na sombra,
 De onde n'alma fervia quanto nem pensavas.
 [...] ¹³

O Camões de cócoras, soltando às ninfas aquilo que digerira e a lembrar das croias, confronta-se com imagem brônzea e hercúlea a ilustrar o poema de Cesário Verde. Em Sena, para além do Império desfeito em exíguas pimenteiras, encontramos também o esforço por construir uma nova imagem do escritor que tanto amara, despindo-o das muitas amarras ideológicas pelas quais terminou preso ao discurso salazarista, para recompô-lo múltiplo, em constante refazer-se através das ambigüidades presentes naquilo que escrevera. Símbolo do poeta itinerante, daquele que, perdendo a pátria física e experimentando a miséria humana, a recupera de modo muito mais próprio através da escrita, a mesma escrita que aparece como único instrumento capaz de apascentar os demônios, revelando-se a habitação possível para quem está sempre deslocado, em um território do não-pertencer. Frágil e vulnerável, a escrita se apresenta ao exilado, portanto, como o lar de onde é possível, citando mais uma vez Said,

¹² SENA, 1989: 174.

¹³ SENA, 1989: 186.

...ficar longe de “casa”, a fim de olhá-la com o distanciamento do exílio, pois há mérito considerável em observar as discrepâncias entre os vários conceitos e idéias e o que eles produzem de fato. Damos como certas a pátria e a língua, elas se tornam natureza, e seus pressupostos subjacentes retrocedem para o dogma e a ortodoxia.

O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem ser prisões e são, com freqüência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência.¹⁴

Mesmo ao ler outros escritores, como Adolfo Casais Monteiro, por exemplo, é este distanciamento que devemos buscar ao propor a leitura destas novas viagens. Sem qualquer idealização do exílio e da emigração, reconhecendo as mutilações sofridas por todos aqueles que os experimentam e não querendo banalizá-las, creio, entretanto, que a literatura que se propõe a pensar tais processos pode colaborar para novos modos de compreensão do outro. O deslocamento do olhar produzido pela necessidade de entender o mundo como uma terra estrangeira e a presença de um modo de lidar com a cultura que se faz em contraponto, dentre outras características, podem propiciar novas formas de questionar o edifício canônico da literatura produzida em língua portuguesa. Desta forma, ao dialogar com a experiência intervalar de quem habita a fronteira, busco enfatizar o enfrentamento do conservadorismo centralizador de um certo imaginário lusíada, criar espaços comunitários de discussão que só se materializam a partir de um processo constante de deslocamento. Tais questões, no entanto, não podem ser lidas de uma forma isolada, principalmente diante do atual contexto de mundialização da cultura, em que as fronteiras, muitas vezes, se tornam mais flexíveis e as trocas mais intensas. A análise do que aí se propõe, todavia, é matéria para novos rumos, para o mapeamento de novas “Cartografias identitárias”, e este não é, ainda, o momento de apresentá-la.

¹⁴ SAID, 2003: 58.

Bibliografia

- ABDALA JR., Benjamin. Narrativas de viagem e fronteiras culturais. In: _____. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Cultural, 2003, p.49-62.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Org. Emanuel Paulo Ramos. 5.ed. Porto: Porto, 1982.
- GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.].
- HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexão sobre a terra no exterior. In: —. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003, p. 25-50.
- HOBBSAWN, E. & RANGER, T. *The invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- JORGE, Silvio Renato. A experiência do exílio: desejo e repulsa entre dois espaços. In: REVISTA LETRAS. n.59, p.157-164, jan./jun. 2003.
- JORGE, Silvio Renato. Portugal e a imagem do império: os (des)caminhos de uma identidade. In: BOLETIM DO CESP. v. 20, n. 26, p.9-28, jan./jun. 2000.
- LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. 2.ed. Lisboa: INCM, 1988(a).
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. 3.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1988(b).
- SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Sel. Milton Hatoum. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 46-60.
- SENA, Jorge de. *Poesia III*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- VERDE, Cesário. *Obras completas*. Org. Joel Serrão. 4.ed. Lisboa: Horizonte, 1983.

Resumo

Na literatura contemporânea portuguesa, a emigração e o exílio apresentam-se como leituras críticas do modo como o homem português interpretou as viagens do século XVI ou, pelo menos, sua principal manifestação literária: *Os Lusíadas*. Apontando a fronteira como conceito fundamental, este ensaio pretende analisar alguns desses textos que, no século XX, instituíram um novo modo de compreender a identidade e a cultura de Portugal.

Palavras-chave: Fronteira; Literatura Portuguesa; Literatura Contemporânea

Abstract

In the contemporary Portuguese literature, the emigration and the exile appear as critical readings in the manner Portuguese man interpreted the XVI century travels or, at least, its major literary manifestation: *Os Lusíadas*. Pointing out the border as a fundamental concept, this essay intends to analyze some of these texts that, in the XX century, instituted a new way of understanding Portugal's identity and culture.

Key-words: Border; Portuguese Literature; Contemporary Literature